

Experiências de integração entre ensino, pesquisa e extensão

Marcela Sorelli Carneiro Ramos,

PhD - Universidade Federal do ABC

Caminho Aberto Qual é o entendimento útil de indissociabilidade ao dia a dia de um educador?

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Nos últimos tempos tem havido uma maior abertura à comunidade. Antigamente, as instituições de ensino superior eram vistas como uma torre de marfim, ou seja, estavam distanciadas do que ocorria em suas comunidades, centradas somente no ensino e na investigação científica, sem levarem em conta o dia a dia, o que se passava fora dos seus muros. E com a urgência da terceira missão das universidades, que é a necessidade da extensão universitária, tem-se visto uma maior abertura das instituições de ensino superior para as comunidades.

Caminho Aberto E em quais parâmetros essa relação entre universidade e comunidade se dá?

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Nossa proposta de indissociabilidade aqui na UFABC se dá em todos os momentos. A proposta da UFABC está baseada na interdisciplinaridade, o que favorece muito a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Então, permeia todo o leque de possibilidades em que o próprio aluno, no momento em que ele entra na graduação aqui, por exemplo, ele vai lidar com um bacharelado interdisciplinar, ou seja, qualquer que for a área do conhecimento que ele venha escolher no seu futuro, ele vai fazer o bacharelado em tecnologia e vai se deparar com todas as possibilidades de se fazer pesquisa, desde o primeiro dia que ele entrou, todas as possibilidades de desenvolver projetos de extensão desde o primeiro dia que ele entrou e, em algumas disciplinas, tudo isso em conjunto. Nos últimos 10 anos que tenho acompanhado aqui na UFABC, considero esse um processo muito rico. É fantástico na medida em que você oferece possibilidades para esse aluno interagir e produzir conhecimento científico a partir de sua pesquisa e aplicar esse resultado na sociedade ou mostrar para fora dos muros da Universidade o que está sendo produzido aqui em termos de inovação tecnológica. Vou citar uma experiência que temos aqui na UFABC e que considero maravilhosa e que, a cada ano, tem aumentado o público, inclusive o externo, que se chama UFABC Para Todos. É uma semana em que abrimos a universidade para a comunidade e todos, alunos e servidores, ajudam na organização. É um momento em que os próprios alunos vão dar uma aula, vão promover um experimento de ciência, e apresentar esses resultados para as escolas que vêm nos visitar. É

um evento completamente aberto, em que qualquer pessoa pode participar, e no qual trazemos pessoas que estão fora da universidade. É uma iniciativa para mostrarmos o que está sendo feito na UFABC. Isso aproxima muito a atividade didática que o aluno está desenvolvendo com a extensão, com o que está fora dos muros da universidade. É claro que temos alguns momentos, e isso é muito específico de algumas áreas do conhecimento, em que o processo é um pouco mais disciplinar, então você tem que separar a pesquisa, a “hard science”. O segundo ponto que gostaria de destacar é o engajamento da UFABC com a inovação, o que chamamos aqui na universidade de extensão tecnológica. Não é uma ação propriamente cultural, uma ação extensionista convencional, mas que quer se aproximar do setor produtivo, da indústria. Para angariar recursos e alinhar a universidade e o setor produtivo, no qual ainda há uma distância muito grande. Assim, tentamos transitar por todos esses caminhos

Caminho Aberto ***Percebe-se que o setor produtivo está muito próximo da UFABC, até por conta da própria característica da região na qual a universidade está instalada.***

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Diferentemente dos outros doutorados *stricto sensu* da UFABC, mais focados na pesquisa, o DAE sai dos muros da universidade e vai buscar o setor produtivo. Então, com certeza, é algo que ajuda a fortalecer essa indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Também temos a escola preparatória, em que alunos nossos da graduação preparam alunos do Ensino Médio interessados em ingressar na UFABC por meio do Enem. São aulas lotadas. Temos várias ações nas quais trabalhamos para fortalecer esse tripé ensino-pesquisa-extensão.

Caminho Aberto ***Percebe-se que o aluno da UFABC também tem essa mentalidade de trabalhar com a comunidade externa.***

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Essa é uma característica muito forte aqui da universidade. Dificilmente um aluno da UFABC não vai se engajar em algum projeto, por exemplo, de extensão. Porque temos muitas ações que promovem essa proximidade, então, os alunos estão sempre engajados em alguma atividade. Na própria graduação o aluno acaba interagindo com essa realidade. Temos que ofertar a oportunidade e buscar os perfis, então, o aluno que gosta de dar aula vai se engajar na Escola Preparatória, o que gosta de fazer experimento vai atuar no UFABC Para Todos, e assim vai, respeitando e estimulando a característica de cada aluno, explorando suas potencialidades. O progresso da ciência não caminha mais com aqueles moldes tradicionais. Na UFABC não temos departamentos, o que é importante ressaltar. Isso ajuda muito. Por exemplo, eu estou no Centro de Ciências Naturais e Humanas, então temos os cursos de Biologia, Física, Geografia, Filosofia. Você convive diariamente com essa energia diversificada, aqui não há uma divisão “forçada”, em que cada um está na sua área. Isso é muito misturado aqui. Os alunos também têm disciplinas integradas, o que é totalmente diferente da grade curricular convencional. Então, alunos de diferentes áreas do conhecimento convivem e interagem o tempo todo.

Caminho Aberto ***Essa é uma característica de uma universidade jovem, com jovens pesquisadores, todos doutores, com um fomento muito forte na pesquisa?***

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Isso, a UFABC foi criada nesta proposta. Mas o começo foi meio traumático porque todo mundo chegou nas suas “caixinhas” e se deparou com um monte de disciplinas que nem imaginava ministrar. Tem gente que se adapta e os que não se adaptaram partiram para outras oportunidades. É um processo natural, que faz parte. Isso facilita a dinâmica porque, quem de fato vai ser interdisciplinar nessa vida são os nossos alunos porque a formação deles é totalmente diferente da nossa. Eu tive uma formação disciplinar tradicional. A UFABC é a única universidade federal do país com 100% do corpo docente formado por doutores. A pesquisa alavancou muito rápido aqui. São 12 doutorados e 26 mestrados em 11 anos, nas mais diferentes áreas. É muita coisa.

Caminho Aberto ***Detalhe um pouco mais essas experiências e como a extensão se destaca nelas?***

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Tem muita coisa. Temos chamadas de editais de extensão quase que diários. São muitos eventos e projetos acontecendo. Os alunos participam de oficinas, de entidades estudantis. Por exemplo, os alunos que estão relacionados com robótica ganham muitos prêmios, tudo em eventos relacionados com extensão, competições externas. Os alunos de Física participaram recentemente de um torneio internacional em que ficaram em terceiro lugar. Foi a única equipe do Brasil a participar. Então, temos toda uma visibilidade que promove a UFABC e que estão diretamente vinculadas às atividades de extensão. Temos alunos que se envolvem com atividades culturais, coral, dança, enfim, se você descer aqui agora no térreo da universidade você vai ver alguma atividade cultural acontecendo, aluno lutando judô, tem a infantaria. Enfim, são muitos eventos que a extensão financia. Também temos alunos bolsistas de iniciação científica e de extensão desenvolvendo atividades científicas para a comunidade no Parque Sabina, que é uma estação de ciência muito tradicional na região de Santo André. São alunos monitores que desenvolvem atividades de ciência com um público que geralmente é formado por estudantes do Ensino Fundamental. Também já participei dessas atividades. Nelas, levamos as crianças para o laboratório e desenvolvemos experimentos, extraímos o DNA de células, por exemplo. Os estudantes ficam interessadíssimos. Claro que eles ainda não entendem a biologia molecular, mas eles entendem que tem uma mensagem genética que está lá dentro da célula, então, tentamos traduzir a ciência de diversas formas.

Caminho Aberto *Qual sua percepção sobre a função da extensão nessas práticas marcadas pela indissociabilidade?*

Marcela Sorelli Carneiro Ramos É nosso objetivo principal. Por exemplo, essas ações com estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, muitas vezes escolas bastante carentes, são oportunidades únicas para eles terem contato com a universidade. Eles ficam estimulados. É nossa obrigação trazer a sociedade para dentro da universidade.

Caminho Aberto *Como é possível potencializar ações que busquem maior integração entre ensino, pesquisa e extensão?*

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Essa é uma boa pergunta porque, claramente, aqui na UFABC temos docentes com perfil de pesquisa. E tem docentes que têm um foco totalmente voltado para a extensão. O que a universidade tem feito é estimulá-los a fazer as duas coisas porque todos têm que fazer pesquisa e extensão. Em algum momento precisamos organizar algum evento, alguma ação que una esse tripé do ensino, pesquisa e extensão. Cobramos isso do corpo docente por meio de resolução. Até para progressão exigimos isso. Então, de alguma forma isso é estimulado. Depois, isso vai se tornando natural no corpo docente. Mostramos que é possível sim e é importante fazer extensão, mesmo que você goste de ficar desenvolvendo pesquisa no laboratório. Precisamos dar um retorno para a sociedade. A divulgação científica é muito frágil no Brasil. É muito difícil você, que está no laboratório descobrindo novas moléculas, por exemplo, ajustar isso para uma linguagem simples para o público externo entender. Quando se fala em corte de orçamento para o Ministério da Ciência e Tecnologia, a universidade entende, mas a população não. Ela não entende o que estamos fazendo aqui dentro. Não é uma sociedade engajada em batalhar por financiamento para a ciência, pesquisa, extensão e inovação tecnológica. Então, é preciso fazê-los entender que, olha, esse remédio que você está tomando para dor de cabeça, por exemplo, ele passou por vários passos de pesquisa para chegar até você. Esse gap é um salto gigantesco. A sociedade tem que se apropriar desse conhecimento produzido na universidade. E essa é a maior dificuldade: a linguagem. Então, fazer eventos para a divulgação científica é fundamental.

Caminho Aberto *Como você visualiza o papel dos Institutos Federais nesse contexto em relação às universidades?*

Marcela Sorelli Carneiro Ramos É uma proposta fundamental porque precisamos de estruturas em que sejam proporcionadas condições, de maneira mais direta, para o desenvolvimento tecnológico. Por outro lado, os institutos têm laboratórios de pesquisa e profissionais capacitados, mas precisam se vincular a alguma universidade para, por exemplo,

participar de alguma pós-graduação ou de algum projeto de extensão eventualmente. O que eu percebo é a dificuldade de financiamento, e isso é para todo mundo. Os cortes recentes foram muito fortes, muito intensos nos institutos e, obviamente, nas universidades também. Então, não adianta criar novas instituições se você não tem dinheiro para financiar as que já estão aí. Isso prejudica muito os institutos federais. Temos casos de sucesso e poderia ser muito melhor. Falta um direcionamento melhor lá de cima, de gestão mesmo, para focar nos que já foram implementados, fortalecendo-os.

Caminho Aberto ***Partindo de sua experiência na UFABC onde os alunos têm estreita interação com empresas e indústrias, como você vê o Ensino Profissional e Tecnológico no Brasil atualmente?***

Marcela Sorelli Carneiro Ramos Se pegarmos na base, por exemplo, na escola técnica eu vejo alunos com um perfil excelente saindo direto para o mercado de trabalho. É um perfil de aluno. A universidade ainda está esbarrando nessa questão, embora tenhamos os mestrados profissionais, por exemplo. Temos alunos que têm o perfil do mercado de trabalho, que gosta e busca isso. E temos alunos com um perfil mais acadêmico, mais voltado para dentro da universidade. Então, você tem que ter opções de acordo com o seu perfil. Isso deveria ser algo mais natural. O ensino profissional e tecnológico pode ser sim uma saída, tudo é uma questão de respeitar o perfil do aluno.

Entrevistadora: Cristina Oliveira